



# AH

## ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 74-75

---

SUSANA CORREIA (1955-2021) *IN MEMORIUM*

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO - ARMAZENAMENTO MEDIEVAL  
E MODERNO EM PORTUGAL

---

Título

**Arqueologia & História**

**13ª Série**

Volume

**74-75**

Ano de Edição

**2025**

Ano Associativo AAP

**2022-2023**

Edição

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

**José Morais Arnaud**

Coordenação

**José Morais Arnaud e César Neves**

Design gráfico

**Paulo Freitas**

Fotografia da capa

**Escavações em BRA77A, que se prolongaram em 1978, sob a direcção de Susana Correia e João Castro**

Impressão

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem

**250 exemplares**

Depósito legal

**73 446/93**

ISSN

**0871-2735**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

# ÍNDICE

- 5 Editorial  
José Morais Arnaud

## **SUSANA CORREIA (1955-2021) IN MEMORIUM**

- 9 Apresentação  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Susana Correia / primórdios do Campo Arqueológico de Braga (1977/1978)  
Francisco Sande Lemos
- 21 Uma mulher do Norte, em trânsito para o Alentejo  
António Carlos Silva
- 27 Década de 80: alegria do trabalho num sopro de nostalgia  
Teresa Marques
- 31 À Susana, uma serena viagem para Ítaca  
Maria Filomena Barata
- 35 Legado de Susana Correia aos jovens arqueólogos  
Jacinta Bugalhão
- 49 “*Informação Arqueológica*”. Um boletim de e para a divulgação da Arqueologia Portuguesa  
Carlos Boavida
- 61 Susana Helena Bastos Correia da Fonseca (1955-2021), antiga aluna, amiga de sempre, cidadã empenhada: a nostalgia do Sul  
Vitor Oliveira Jorge
- 65 Degebe em Alqueva: 1998-2001  
Ana Sofia Antunes, Consuelo Gómez Granel, Lidia Virseda Sanz
- 83 A Rua do Sembrano. Um caso paradigmático de Arqueologia Urbana na cidade de Beja  
Carolina Grilo
- 95 Susana Correia e o projeto do Museu de Moura  
Santiago Macias
- 99 Memórias  
Susana Lopes
- 103 Lembrando a Susana  
Eduardo Pires de Oliveira
- 107 Susana. Memórias, Encontros e Partilhas  
Ana Isabel Palma Santos
- 109 Susana Correia e o Museu Municipal de Arqueologia de Serpa  
Ana Sofia Antunes
- 117 Para uma bibliografia da Susana Correia  
Manuela de Deus

## **SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO – ARMAZENAMENTO MEDIEVAL E MODERNO EM PORTUGAL**

- 125 Colóquio – “Silos, matamorrás e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal”  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida, João Marques, Teresa Marques
- 127 Os silos Medievais da *Villa* Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo  
Luísa Batalha, Guilherme Cardoso, Mário Monteiro
- 137 As “covas de pão” de Carnide: um grande celeiro às portas da Lisboa medieval  
Ana Caessa, Nuno Mota

- 157 Silos Medievais de São Vicente de Fora – Lisboa  
Nuno F. Poínhas Pires
- 167 Problemáticas em torno da gestão de um espaço ao longo de dois séculos: os silos medievais do Largo da Atafona – Lisboa  
Vasco Noronha Vieira, Tiago Pereira, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Dário Neves, Marina Carvalhinhos
- 177 Silos Medievais no Núcleo Histórico de Almada: tipologias e seu contexto  
Sérgio Manuel Peleja Rosa
- 195 *Quem Guarda, acha!* Os silos medievais do Centro Histórico de Moura  
Vanessa Gaspar

## **ARTIGOS**

- 215 Lâmina de machado, pré-histórica, no culto ibérico a Júpiter?  
Mário Varela Gomes
- 221 As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios  
Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro
- 239 Arqueolog(IA). O uso da Inteligência Artificial na prática e na teoria arqueológica  
Daniel Carvalho
- 247 Francisco Santana. O olisipófilo e o periódico *Olisipo*  
Eunice Relvas
- 253 Contar 30 Anos. A actividade da Comissão de Estudos Olisiponenses (1994-2024)  
Carlos Boavida

## **RELATÓRIOS**

- 263 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2022  
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 271 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2023  
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 279 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 283 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 287 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 291 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 293 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2022  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 297 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2023  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 301 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2022  
Lina Oliveira
- 303 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2023  
Lina Oliveira
- 305 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2022  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 313 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2023  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

# QUEM GUARDA, ACHA! OS SILOS MEDIEVAIS DO CENTRO HISTÓRICO DE MOURA

---

Vanessa Gaspar

Câmara Municipal de Moura / vanessa.gaspar@cm-moura.pt

## Resumo

Apresentação do resultado de dois trabalhos arqueológicos desenvolvidos pela equipa de Arqueologia do Município no Centro Histórico de Moura: um de diagnóstico, no âmbito do apoio técnico municipal a obra de reabilitação de imóvel particular situado na Primeira Rua da Mouraria; o outro, de acompanhamento, em obra de saneamento básico promovida pela Câmara Municipal próximo do Pátio dos Rolins e da Igreja de São João Baptista.

Em ambos os casos, foram detetadas estruturas negativas, do tipo silo, datáveis do período medieval. Um dos silos escavados no bairro da Mouraria destaca-se pela sua posterior transformação em poço.

**Palavras-chave:** Arqueologia urbana, Idade Média (Cristão), Silos.

## Abstract

Presentation of the results of two archaeological works developed by the municipal archaeology team of the historic centre of Moura: one consisted in diagnostic within the municipal technical support given to rehabilitation work of a private building at the *Primeira Rua da Mouraria*; the other resulted from the follow-up of a basic sanitation work promoted by the Town hall near the *Pátio dos Rolins* and the church of *São João Baptista*.

In both cases, silo-like negative structures from the middle ages were detected. One of the silos excavated in the *Mouraria* quarter stands out for its later use as a well.

**Keywords:** Urban archaeology, Middle ages (christian), Grain-silos.

## 1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Moura localiza-se na margem esquerda do Guadiana, a cerca de 4 km deste rio e ainda mais perto da confluência do Guadiana e do Ardila (afluente do primeiro). A proximidade destes dois importantes cursos de água permite a existência de troços com aluviões tornando estes terrenos férteis, propícios à agricultura.

A região de Moura é constituída por três conjuntos litológicos, designadamente (do topo para a base): os calcários; os depósitos detríticos grosseiros e os arenitos. Os calcários caracterizam-se por serem esbranquiçados, mais ou menos compactos, por vezes pulverulentos e com aspeto margoso. Ocupam o topo da seqüência (Carvalhosa e Carvalho, 1970, p. 15) e estendem-se por uma vasta área a sul do concelho o que ajuda a explicar os recursos hidrológicos existentes, nomeadamente o Sistema Aquífero Moura-Ficalho, responsável pelo escoamento hídrico subterrâneo desta região (Costa, 2008, p. 49).

Os terrenos férteis e a abundância em água eram comentados nas Memórias Paroquiais de 1758. O pároco de São João Baptista aludia: «(...) *sem número as fazendas de pomares, hortas e quintas (...) fresco e abundante de toda a sorte de frutas, mais que muytos outros desta província, he raríssima a fazenda que não recebe o benefício das águas sem artifício algum*» (Páscoa, 2003, p. 52).

Aliado à água e aos terrenos férteis, também os minérios contribuíram para a ocupação do território de Moura. Estes últimos, terão sido explorados na zona da Serra da Adiça, uma importante área de mineração em época antiga, e terão contribuído para a vitalidade económica da região (Macias, 1993, p. 127).

O ponto mais alto da cidade, situada entre as ribeiras da Roda e de Brenhas, é ocupado pelo castelo, o primitivo núcleo de povoamento. A cota de terreno no interior da fortificação ronda os 200 m acima do nível do mar.

O terreno junto às duas ribeiras (Roda e Brenhas), estreito, mas fértil, foi utilizado como local privilegiado para abastecimento do povoado, pelo menos a partir do período islâmico. Servido por diferentes caminhos e por uma ponte ali se construíram azenhas e lagares. Corresponderia a um importante espaço na vida económica da cidade (Macias, Gaspar & Valente, 2016, p. 36).

A norte da fortificação os declives são acentuados, atingindo nessa zona cotas inferiores a 100 m; a zona a sul do castelo, mais aplanada, corresponde à área de expansão urbana do período medieval.

## 2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DE MOURA

O termo de Moura estava, entre o século V e o século XIII integrado num território que dependia de Beja (Macias, Gaspar & Valente, 2016, p. 25).

Em época islâmica, a povoação era ainda considerada como «*castelo da cora de Beja*», isto é, ainda dependente da antiga sede do *conventus* pacense (Macias, 1993, p. 128).

Na zona do Ardila, mais concretamente na Quinta de Frades, foi encontrada uma lápide funerária em árabe (Lima, 2003, p. 80 – o autor também refere terem sido encontradas sepulturas) que levou a que se considerasse ser a necrópole de uma alcaria (Macias, Gaspar & Valente, 2016, p. 25).

A par desta lápide, apareceram igualmente cerâmicas do período islâmico, a atestar a cronologia. Deste acervo conserva-se no Museu Municipal de Moura um candil datado dos séculos X-XI.

A possibilidade da existência, neste local, de uma pequena exploração agrícola parece mais lógica do que estarmos perante uma aldeia, já que estamos numa zona fértil para o cultivo e a uma relativa curta distância do que seria o principal núcleo de povoamento – o castelo.

Nesta zona, nos limites de Moura, a atividade comercial fazia-se de forma constante, sobretudo no que toca à exploração de metais preciosos, neste caso a prata, que seria minerada no sítio de *Totalica* (perto das margens da ribeira de Toutalga), onde haveria «*uma minera de mui boa prata e mui branca*» (Macias, 1993, p. 128). É muito provável que esta mineração tenha continuado até ao final do período islâmico.

É possível que estas minas fossem controladas por famílias, ou clãs locais, que dominavam o território, com raízes no mundo tardo-antigo. Há sobre isto referências de al-Razi sobre a sua secreta exploração pelos seus habitantes (Macias, Gaspar & Valente, 2016, p. 26).

A existência na região destas minas de prata ditou, certamente, movimentações militares e políticas que terão levado a que o controle dos locais de mineração, com o início do califado, deva ter passado, gradualmente, para Córdova.

A prosperidade do sítio de *Totalica* terá criado condições privilegiadas aos membros da sua comunidade. Em meados do século XI é mandado erigir um minarete no Castelo de Moura por al-Mu'tadid, como sinal de afirmação e autoridade política sobre o território e sobre os importantes recursos mineiros da região (Macias, Gaspar & Valente, 2016, p. 26).

Entre a conquista (1232) e a sua plena integração na coroa portuguesa, em finais do século XIII (1295), Moura atravessou um período bastante conturbado. Este período foi marcado pela disputa entre Portugal e Castela sobre a margem esquerda do Guadiana, e todas as linhas fronteiriças, altura em que D. Dinis concedeu foral à cidade (Valente, 2000, p. 1), dada a sua importância neste processo de Reconquista.

Embora já integrado na coroa portuguesa, este território continuou sendo alvo de constantes disputas nos séculos seguintes. Essas permanentes lutas provocaram danos na fortificação que iam sendo colmatados.

No século XIV, ainda no reinado de D. Dinis, foram efetuadas importantes obras de reforço dos castelos de Moura e Serpa. Em 1320, a Ordem de Avis doou um terço das rendas das igrejas de Moura e Serpa para o «*refazimento e mantimento dos alcaçeres dos ditos castelos*» (Macias & Gaspar, 2005, p. 10).

Do mesmo modo, a Atalaia Magra (torre de vigia do século XIV), localizada junto ao caminho para Aroche, a curta distância de Moura e com contacto visual com o castelo, era destinada a avisar os habitantes da fortificação no caso de eventuais ataques de Castela.

Mais tarde, no início do século XVI (1510), encontramos referência à presença de Francisco Arruda em Moura «*o dito pedreiro he paguo das primeiras duas pagas e nom tem feitas nem acabadas as ditas obras de Moura e Mourã; e em Moura tem menos que fazer, mas em Mourã he casy tudo por fazer (...)*» (Macias & Gaspar, 2005, p. 12). Este documento permite supor que a presença em Moura de Francisco Arruda seria para realizar obras de reparação e reforço no castelo medieval e não para uma verdadeira transformação da fortificação existente (essa transformação viria a ocorrer na centúria seguinte).

Torna-se evidente a necessidade de proteção deste território a quaisquer ameaças externas, ficando assim justificadas as obras de grande relevância feitas nas diversas fortificações, reforçando-se de forma significativa as estruturas defensivas do período medieval.

A construção de novas muralhas ter-se-á iniciado no decorrer do século XVII, incentivada pelas lutas decorrentes da Guerra da Restauração, mas também pela percepção da fragilidade e da ineficácia das muralhas medievais na defesa da povoação – com uma população cada vez mais instalada nos arrabaldes e pelo aparecimento da artilharia como arma de guerra (Macias & Gaspar, 2005, p. 18).

Durante toda a segunda metade do século XVII e inícios do século XVIII encontramos referência à presença de arquitetos e engenheiros encarregues de tor-

nar a praça de Moura mais eficaz. No entanto, em 1805 ela é extinta, consumando-se em definitivo a progressiva pedra de importância estratégica e militar da cidade.

### 3. MOURA: O POVOADO EXTRAMUROS

O castelo foi até à Reconquista o primitivo núcleo de povoamento de Moura, só a partir de então é que se estende para fora das muralhas, em momentos e direções distintas.

Moura começa por ter apenas um arrabalde, a Mouraria, resultante da expulsão dos antigos habitantes da fortificação e a sua reinstalação num terreno a sudoeste do castelo. Este arrabalde terá albergado no seu interior algumas centenas de habitantes (Macias, Gaspar & Valente, 2016, p. 58), dispersos por três ou quatro quarteirões, estreitos e compridos (Trindade, 2009, p. 208).

A tipologia das casas naquele bairro deveria refletir a tradição urbana mediterrânica, com casas organizadas em torno de um pátio central, conforme foi observado na escavação arqueológica da alcáçova do Castelo de Moura. Porém, num texto de meados do século XVI uma das casas da Mouraria é descrita como tendo «*tres cassas da porta adentro e huum quymtall (...)*» (Macias, 1993, p. 136), num claro afastamento dessas formas arquitetónicas do sul.

A existência de poços de água nas casas era frequente, quer se localizassem no quintal ou mesmo no interior da habitação. A partilha do mesmo poço por dois ou mais vizinhos era, também, prática comum.

Contudo, era fundamentalmente da água que brotava das nascentes existentes no interior do castelo que as necessidades da população eram satisfeitas. Este facto encontra justificação na conjugação de fatores geológicos, estruturais e geomorfológicos que permite a constituição de aquíferos, nomeadamente o Sistema Aquífero Moura-Ficalho.

Este sistema é constituído por um aquífero principal, o de Moura-Ficalho, com uma área total de 187 km<sup>2</sup> (embora, o mesmo autor refira noutras publicações 177 km<sup>2</sup>) e por outros três aquíferos de menores dimensões e que são, em parte, recarregados pelo principal: Moura-Brenhas; Calcários de Moura; Ribeira de Toutalga (Costa, 2008, p. 49). No seu limite norte existe uma falha, denominada de *falha do castelo*, que se comporta como uma barreira impermeável e que origina fluxos verticais (Costa, 2008, p. 56) suficientemente capazes de trazer água à superfície, potenciando desta forma a abundância em água referida, por muitos, ao longo dos séculos.

Num segundo momento, a cidade cresce para um novo bairro a este do castelo, em torno da Igreja de São João Baptista e nas imediações da estrada que ligava Moura à localidade espanhola de Aroche, um importante eixo viário já utilizado em época romana. Atualmente, ainda aí pode observar-se uma fachada que conserva uma porta tardo-gótica em arco quebrado, encimada por lápide com a cruz da Ordem do Hospital, e que testemunha a importância desse eixo viário no desenho do novo arrabalde.

A Igreja de São João Baptista, citada num documento de 1364 (Segurado, 1929, p.58), torna-se ainda no século XV igreja matriz, substituindo a Igreja de Santa Maria do Castelo. Esta transferência deverá ter sido motivada pela falta de espaço na primitiva matriz. No entanto, e embora se situasse numa área mais ampla, a exiguidade do espaço só viria a ser solucionada com a construção de uma nova igreja no início do século XVI, no reinado de D. Manuel I.

Este novo bairro permitiu a edificação de uma outra tipologia de habitação – casas a estruturarem-se em dois pisos com funções hierarquizadas: o piso térreo destinado a zonas de arrumação e de armazenamento; o piso superior utilizado como espaço habitacional, acessível por escadas exteriores.

O edifício denominado de *Pátio dos Rolins* é um bom exemplo desta tipologia construtiva. Corresponde a um aglomerado de pequenos prédios de planta irregular, em alvenaria de taipa, que se desenvolve em torno de um pátio semiaberto e empedrado, características que o enquadram no final da Idade Média: final do século XV ou início do século XVI. Corroboram esta cronologia alguns elementos ainda visíveis no edifício, tais como, as janelas de recorte manuelino e a abóbada nervurada numa dependência interior, que o torna como «(...) *um dos raros exemplos conservados em Portugal de arquitetura civil medievã não palaciana*» [Portaria nº 740-DH/2012 – DR nº 248, 2ª Série (24/12/2012) p. 40536], bem como o facto de que no decurso da intervenção arqueológica referente à empreitada de requalificação do imóvel não ter sido detetada qualquer realidade que pressupusesse uma cronologia anterior (Gaspar, 2023, p. 53).

A zona é designada, num documento de 1427, como «*arrabalde novo*». As novas zonas habitacionais desenvolvem-se em redor de novas ruas, como as ruas da Romeira, do Espírito Santo, da Capinha Rota e Longa, que se organizam paralelamente a essa via (Macias, Gaspar & Valente, 2016, p. 60).

Em 1527 Moura teria cerca de 876 fogos, o equivalente a aproximadamente 3000 habitantes (entre os

que habitavam o castelo e os arrabaldes). Nesta zona do povoado, e fruto do crescimento do aglomerado urbano, passam a existir construções de dimensões consideráveis. No século XVI um dos imóveis ali existentes era descrito como sendo «*cassa grande (...) com sua chimine e duas camaras sobradadas e duas térreas e mais os sootãos das camaras sobradadas e huua estrebarya (...) hum quyntal com poço d'agoa*», casa que teria no seu conjunto cerca de 254 m<sup>2</sup> (Macias, 1993, pp. 137-138).

A zona da atual Praça Sacadura Cabral, confinante a sul com o castelo e contígua com a Igreja de São João Baptista, passa também ela a ser um novo espaço habitacional e terá sofrido uma importante intervenção no final do século XVI: em 1575 era descrita como sendo demasiado estreita «(...) *que parecia mais rua que praça*» e que após a obra para o seu alargamento se transferisse para ali «(...) *a feira da ditta vila*» (Macias, Gaspar & Valente, 2016, p. 61).

A norte do castelo destacava-se o Convento de Nossa Senhora do Carmo, fundado no início da 2ª metade do século XIII (cerca de 1251), o primeiro da Ordem Carmelita em Portugal (Páscoa, 2003, p. 48). Em redor deste local religioso existiriam, fundamentalmente, áreas agrícolas, ocupadas por hortas.

#### 4. OS SILOS MEDIEVAIS DOS ARRABALDES

Os silos aqui descritos foram intervencionados nestes dois antigos arrabaldes de Moura.

O primeiro grupo de silos a ser descoberto foi no âmbito do acompanhamento arqueológico da remodelação da rede de água e de esgotos da cidade, nas imediações da Igreja de São João Baptista e do Pátio dos Rolins.

O segundo, foi descoberto no decurso de uma intervenção arqueológica preventiva na Mouraria, no âmbito do apoio técnico que o Município promove em obras de reabilitação de imóveis particulares no Centro Histórico de Moura.

A apresentação dos silos far-se-á tendo em conta a expansão urbana de Moura, ou seja, primeiramente dar-se-á a conhecer os silos detetados no bairro da Mouraria e só depois expor-se-á os dados relativos aos silos do «*arrabalde novo*» (Figura 1).

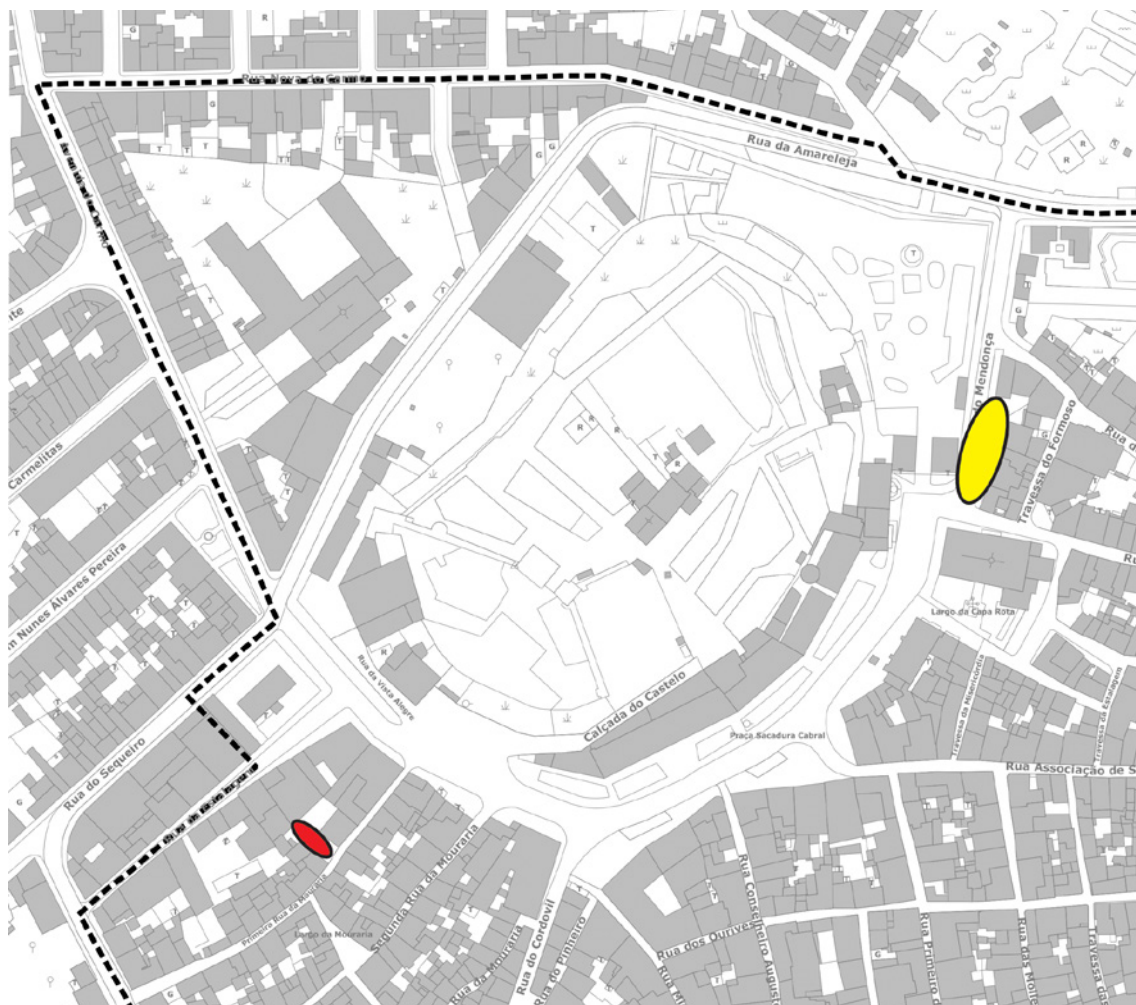




Figura 1 – Localização dos silos na planta da cidade.

- — Limite Centro Histórico de Moura
-  Silos Bairro da Mouraria
-  Silos «Arrabalde Novo»

#### 4.1. Os silos do bairro da Mouraria<sup>1</sup>

Neste caso, foram realizadas sondagens arqueológicas de diagnóstico numa habitação na Primeira Rua da Mouraria.

A Mouraria de Moura corresponde a um conjunto habitacional classificado como Imóvel de Interesse Público (Decreto nº 45/93, DR. Nº 280 de 30/11/1993).

Foram abertas duas áreas de sondagem, no logradouro da habitação. Da intervenção realça-se o aparecimento, na sondagem 2, de estruturas escavadas no substrato rochoso (calcário).

<sup>1</sup> Desenhos de campo: Luísa Almeida; Marta Coelho e Vanesa Gaspar (Câmara Municipal de Moura).

A área de escavação da sondagem 2 foi, inicialmente, de 4 m<sup>2</sup> (2 x 2 m). No entanto, fruto do aparecimento de estruturas negativas, surgiu a necessidade de ampliar a área de escavação para, aproximadamente, 20 m<sup>2</sup> (3,5 x 5,5 m). Os sucessivos alargamentos permitiram obter uma melhor leitura dos vestígios postos a descoberto.

Num momento inicial da escavação e muito próximo da superfície, foi detetado o afloramento rochoso que apresentava como principal característica um acentuado desnível (cotas a variar entre os 172,29 e os 171,53).

Após um primeiro alargamento de área, foi possível confirmar a existência de uma abertura circular

na rocha e a presença de uma estrutura dentro dessa abertura que, num primeiro momento, considerou-se erradamente como fossa (Figura 2).

Da escavação do enchimento da estrutura, recolheu-se um número significativo de fragmentos cerâmicos de uma mesma peça estampilhada (Conservação e Restauro: Manuel Passinhas da Palma), de grande dimensão e sem fundo (Figura 3). Foi perante este último dado que se colocou a hipótese de se estar perante um poço e não uma fossa.

Os motivos decorativos desta peça, um bocal em cerâmica, foram gravados com uma estampilha de madeira ou mesmo de barro (Reina e Torres, 2005, p. 245). A sua manufatura deverá ter ocorrido entre os séculos XIV-XV e tem origem nas do período islâmico. Poderá corresponder a um fabrico local ou mesmo ser proveniente de olarias andaluzas, dado que a importação de cerâmica era prática comum neste período.

Após a escavação desse sedimento, com uma datação dos séculos XV-XVI, procedeu-se à definição da estrutura, apelidada de poço construído. Corresponde a uma construção em alvenaria de pedra seca e tijolo,

sem qualquer vestígio de argamassa, com 1,50 m de altura (cota do topo: 171,95 / cota do fundo: 170,45) e com 70 cm de diâmetro. Defende-se uma datação a rondar os séculos XIV-XV para a sua construção e, por não apresentar qualquer vestígio de impermeabilização, a sua função não deveria ser de armazenagem, mas sim para altear a estrutura de forma a facilitar o acesso à água.

Com a sua desmontagem constatou-se que a mesma não estava centrada em relação à estrutura escavada no substrato rochoso, designada de silo 1. De perfil troncocónico (Rosa, 2019, p. 116) e fundo plano, com aproximadamente 1,60 m de altura (cota do topo 172,01 / cota do fundo 170,45) e cerca de 2 m de diâmetro no fundo e de 80 cm na boca.

Muito embora não tenha sido possível aferir que tipo de bem alimentar (cereal) teria sido ali guardado, a sua capacidade de armazenagem rondaria os 2400 litros. Defende-se o século XIII como cronologia provável para esta estrutura negativa que deverá estar relacionada com a fixação da população moura neste novo bairro – a Mouraria.



Figura 2 – Mouraria de Moura. Silo 1 e poço construído.

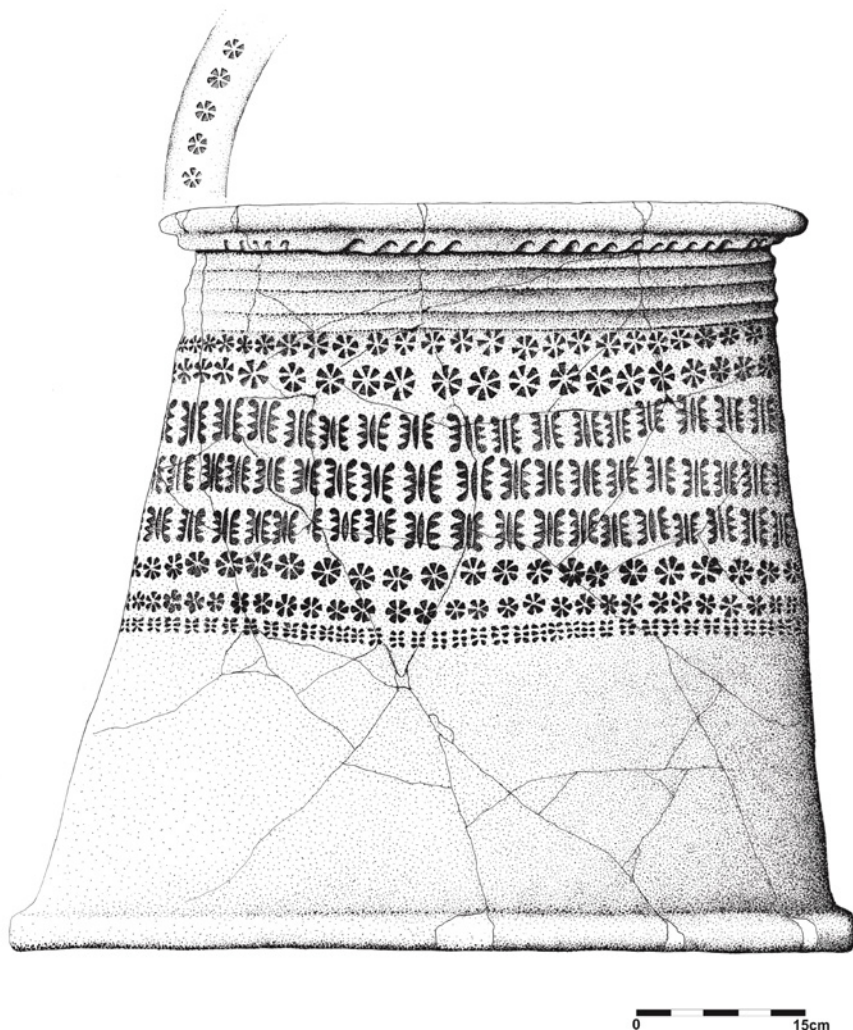


Figura 3 – Mouraria de Moura. Bocal de poço, cerâmica estampilhada.

O poço construído não ocupava toda a área do silo 1: a parte norte, entre a construção e o silo, estava entulhada. Deste sedimento destaca-se o aparecimento de um pequeno fragmento de *dolium* (Gaspar, 2022, p. 41), com parte de uma inscrição que refere a existência de uma igreja consagrada a Santa Maria, numa localidade denominada Lacant ou Lacanta (Macias, Gaspar & Valente, 2016, p. 49). Com este fragmento são já quatro as peças, provenientes de Moura, que apresentam a mesma inscrição: *Eclesiae Sancte Mariae Lacantensis in Agripi*.

Outros dados foram recolhidos com a desmontagem do poço construído e com a escavação do enchimento do silo 1: a existência de um orifício na parede do lado oeste, aparentemente de ligação a um outro silo; e na base do silo, onde o calcário se encontra

bastante desagregado, a existência de uma outra abertura no afloramento rochoso, que corresponderia à continuação da estrutura (Figura 4).

A esta nova abertura atribuiu-se a nomenclatura de poço escavado, de perfil cilíndrico (Rosa, 2019, p. 116) e fundo ligeiramente côncavo, com 2 m de altura (cota do topo 170,45 / cota do fundo 168,45), um diâmetro a variar entre 67 e os 79 cm (Figura 5) e com uma capacidade de armazenagem de 800 litros.

Desta estrutura negativa, cuja datação rondará os séculos XIV-XV, realça-se a existência de cavidades irregulares no afloramento rochoso que se acredita terem funcionado como degraus. Estes dois conjuntos de três degraus estavam posicionados, quer no lado norte quer no lado sul (Figura 6), de forma a facilitarem o acesso ao seu interior (altura dos degraus em relação



Figura 4 – Mouraria de Moura. Silo 1 e poço escavado.

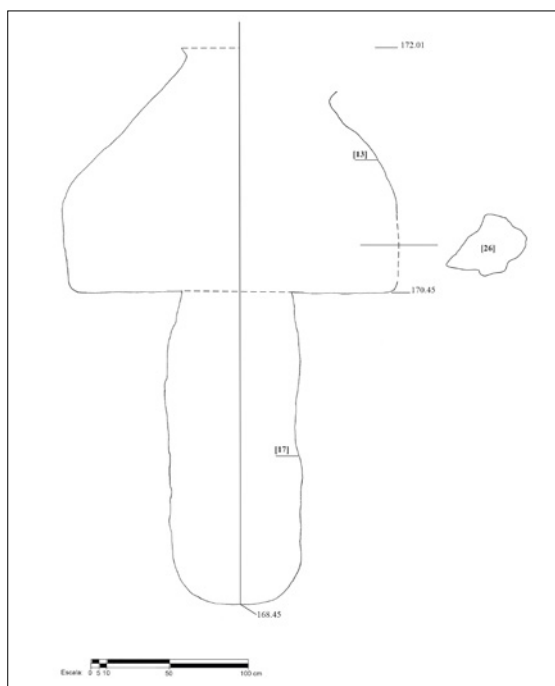


Figura 5 – Mouraria de Moura. Perfil este-oeste silo 1 e poço escavado.

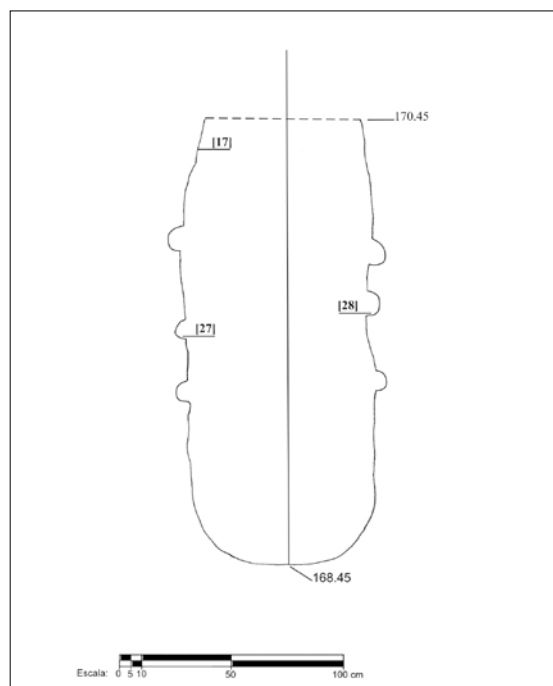


Figura 6 – Mouraria de Moura. Perfil norte-sul poço escavado, com pormenor dos degraus.

ao fundo do poço: 75 cm, 1,03 m e 1,47 m no lado sul; 80 cm, 1,19 m e 1,37 m no lado norte).

Recentemente, numa intervenção arqueológica no centro da cidade de acompanhamento de uma empreitada de reabilitação urbana (trabalho inédito, artigo em preparação), foi detetada uma outra estrutura negativa – um poço escavado no substrato rochoso (calcário) – que apresentava, à semelhança da estrutura aqui descrita, quatro cavidades irregulares que se defende que terão funcionado, também elas, como degraus. De perfil cilíndrico (Rosa, 2019, p. 116), com 1,92 m de altura (cota do topo 173,13 / cota do fundo 171,21), um diâmetro a variar entre os 66 e os 78 cm e com uma capacidade de armazenagem a rondar os 780 litros. (Figura 7).



Figura 7 – Travessa das Cruzes. Poço escavado com degraus.

Do espólio recolhido evidencia-se um conjunto de fragmentos de cerâmica estampilhada, alguns deles pertencentes ao próprio bocal desta estrutura hidráulica (poço construído e poço escavado), bem como outros fragmentos cerâmicos pertencentes a peças de grande dimensão. A cronologia deste enchimento situar-se-á nos séculos XV-XVI.

Após confirmação da geminação, atribuiu-se o nome de silo 2 (Figura 8) a esta nova estrutura negati-

va, de perfil oval (Rosa, 2019, p. 53) e fundo côncavo, com uma altura máxima próxima dos 2 m (cota do topo 171,63 / cota do fundo 169,73) e um diâmetro a oscilar entre 1,70 m e os 70 cm (Figura 9). Defende-se, à semelhança do silo 1, o século XIII como cronologia provável. Também neste caso não foi possível aferir que tipo de bem alimentar (cereal) seria ali conservado, mas a sua capacidade de armazenagem seria de 2300 litros.



Figura 8 – Mouraria de Moura. Vista geral silo 1 e silo 2.

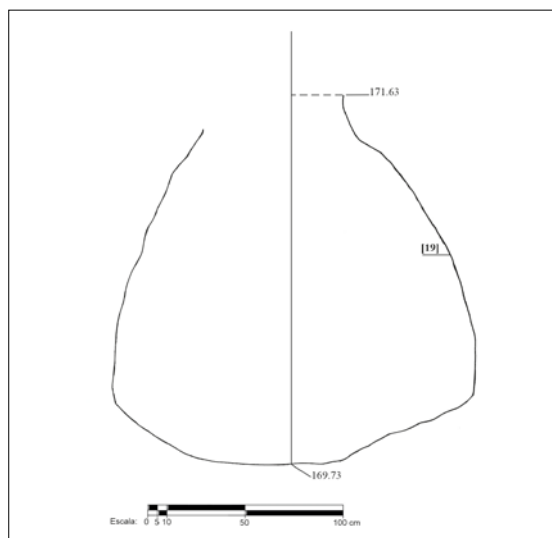


Figura 9 – Mouraria de Moura. Perfil sul-norte silo 2.

Do sedimento do silo 2 destaca-se o aparecimento de três moedas *Real Preto* de D. Duarte (1433-1438)<sup>2</sup>, período em consonância com a cronologia proposta, século XV, para o entulhamento desta estrutura negativa. Para além destas moedas, foram recolhidos alguns fragmentos cerâmicos com decoração estampilhada pertencentes a bocais de poço e talhas.

Importa, ainda, salientar o aparecimento de um nível argamassado, com uma total ausência de vestígios orgânicos e artefactuais, que se considera ter sido construído para nivelar o afloramento rochoso, naturalmente irregular.

Acredita-se que no momento em que a funcionalidade dos silos é alterada, e o silo 1 é transformado em poço, terá sido necessário proceder a este nivelamento artificial, possivelmente para um melhor acesso ao poço e, conseqüentemente, à água. A cronologia proposta para este nivelamento situa-se entre os séculos XIV-XV, o mesmo que se defende para a transformação do silo 1 em poço.

#### 4.2. Os silos do «arrabalde novo»<sup>3</sup>

Neste outro caso foi realizado o acompanhamento arqueológico da remodelação das redes de água e esgotos da cidade de Moura.

Nas imediações do Pátio dos Rolins e da Igreja de São João Baptista foi detetado um conjunto de silos escavados no substrato rochoso, calcário (Figura 10).

O aparecimento da boca de um silo no decurso da abertura mecanizada da vala para a instalação das infraestruturas fez com que fosse necessário o alargamento da área de escavação. Foi confirmada a existência de um silo, referenciado como silo 1 com parte da sua tampa preservada *in situ*. Constatou-se que se encontrava vazio e que possuía um orifício de ligação. Esta constatação fez com que se procedesse a um novo alargamento de área e à definição de um novo silo, silo 2. Estrutura de perfil elíptico (Rosa, 2019, p. 51) e fundo côncavo, com uma altura máxima de 2,37 m (cota do topo 170,36 / cota do fundo 167,99) e um diâmetro a oscilar entre 1,70 m e os 30 cm (Figura 11). Esta estrutura negativa possuía, ainda, a tampa preservada *in situ* e após a sua remoção constatou-se que se encontrava, igualmente, vazia.

Confirmou-se que os dois silos estavam, efetivamente, ligados por um orifício, com uma forma aproximadamente circular e com 48 cm de diâmetro.

Muito embora não tenha sido possível proceder a todas as medições do silo 1, uma vez que foi fisicamente impossível ali entrar, observou-se que era morfológicamente semelhante ao silo 2, de perfil elíptico, e que ambos deveriam ter uma capacidade de armazenagem semelhante, a rondar os 1900 litros.

Importa referir que também neste caso, e à semelhança do verificado na Mouraria, foi observado um nível de compactação em associação com os silos 1 e 2 que deveria estar relacionado com a necessidade de nivelamento do substrato geológico. Um outro aspeto a destacar tem a ver com o aparecimento de um número significativo de negativos na rocha, cuja funcionalidade não foi descortinada.

Na continuação dos trabalhos de abertura de vala, agora no passeio pedonal para a substituição das condutas de ligação às habitações existentes no logradouro do Pátio dos Rolins, foi detetado um outro silo, silo 3. Estrutura de perfil circular (Rosa, 2019, p. 116) e fundo plano, com uma altura máxima de 2,18 m (cota do topo 169,53 / cota do fundo 167,35), um diâmetro máximo de 2,50 m e um diâmetro mínimo de 70 cm (Figura 12), e um provável orifício com uma forma, aproximadamente, triangular.

Detetou-se que uma parte da boca estava preservada e em associação com a tampa fragmentada, terá subsistido até ao momento da abertura de vala para a colocação da conduta antiga (Figura 13) e, ao contrário dos dois silos acima descritos, encontrava-se entulhado. A sua capacidade de armazenagem aproximar-se-ia dos 4300 litros.

Enchimento com uma significativa presença de material orgânico (fauna malacológica – amêijoia e berbigão), com fragmentos cerâmicos diversos (brunida, vidrada e comum) e um *Ceitol* de D. Afonso V (1438-1481)<sup>4</sup>.

Face aos vestígios artefactuais detetados, aponta-se como cronologia provável para a fase de abandono desta estrutura negativa, o final do século XV ou o século XVI. Esta proposta de cronologia baseia-se exclusivamente na análise da componente artefactual encontrada, principalmente pela ausência de um espólio marcadamente islâmico, pelo aparecimento de um *Ceitol* de D. Afonso V e pela total ausência de faianças.

<sup>2</sup> Conservação e Restauro – Marta Coelho (CMM).

<sup>3</sup> Desenhos de campo: Luísa Almeida; Marta Coelho e Vanessa Gaspar (CMM).

<sup>4</sup> Conservação e Restauro – Marta Coelho (CMM).



Figura 10 – Arrabalde novo. Vista geral silo 1 e silo 2.

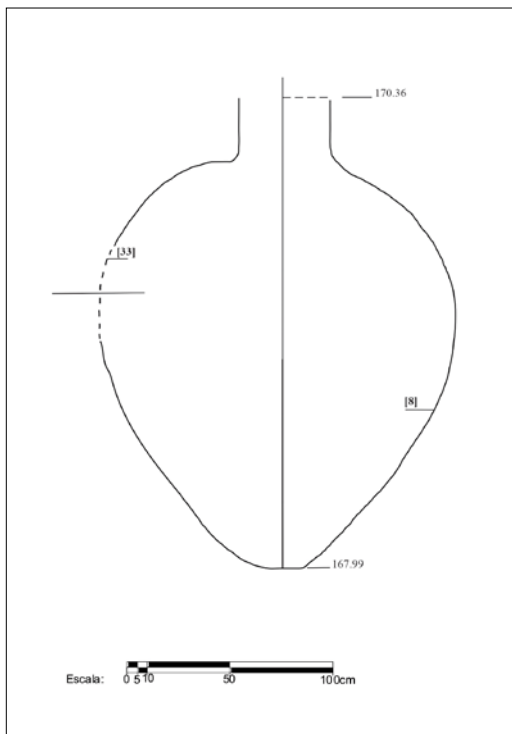


Figura 11 – Arrabalde novo. Perfil este-oeste silo 2.

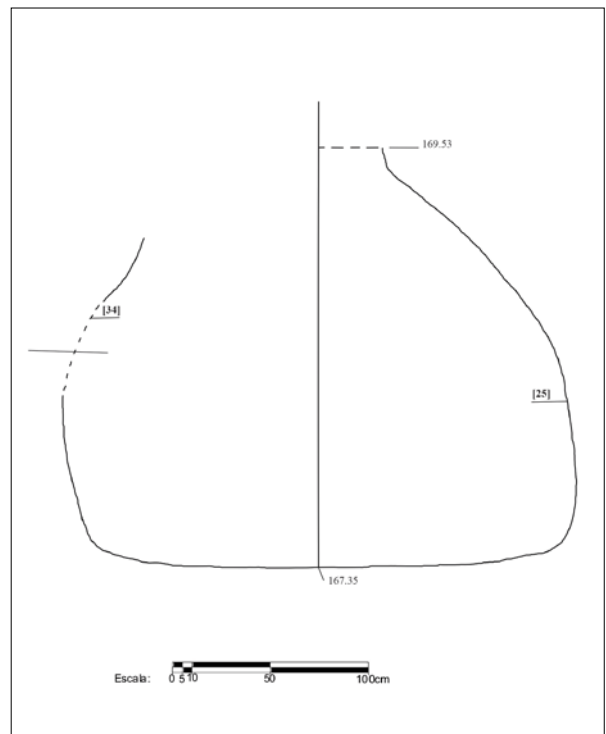


Figura 12 – Arrabalde novo. Perfil norte-sul silo 3.



Figura 13 – Arrabalde novo – Vista geral silo 3.

## 5. O ESPÓLIO CERÂMICO<sup>5</sup>

Importa aqui destacar um conjunto significativo de fragmentos cerâmicos com decoração estampilhada recolhidos na escavação arqueológica realizada na Primeira Rua da Mouraria.

A totalidade dos fragmentos de cerâmica estampilhada aqui apresentados reportam-se a peças de grande dimensão, talhas ou bocais de poço. A decoração organiza-se nas paredes exteriores e nos bordos das peças. Em alguns exemplares de fragmentos de talha são visíveis as marcas de digitações na parede interna da peça que não aparentam corresponder a qualquer elemento decorativo, mas sim ao apoio que foi necessário dar à peça para se poder premir a estampilha ainda com o barro verde.

Neste grupo de cerâmica, doze fragmentos correspondem a bojós de talha com a decoração a organizar-se na parede exterior; quatro fragmentos corres-

pondem a bojós ou a bordos de bocal de poço com a decoração disposta em ambas as áreas; para além da peça reconstituída (ver supra, Figura 3).

A grande maioria do repertório de matrizes decorativas destas peças diz respeito a temas fitomórficos, com diversas representações mais ou menos estilizadas de flores, entre elas a representação da flor de lis. Estão, ainda, presentes os temas geométricos, mas em menor número, com representações de estrelas de cinco pontas e de formas circulares (Figura 14, amostra do lote recolhido).

No conjunto em estudo verifica-se que algumas das matrizes fitomórficas estão inscritas numa cartela e estão aplicadas em bandas na parede exterior da peça, podendo numa mesma peça coexistir mais do que uma matriz principal, quer em bocais de poço quer em talhas.

Por seu lado, as matrizes geométricas, de menor dimensão, tendem a ocupar de forma aleatória os espaços vazios entre as matrizes principais ou serem, também elas, a matriz principal da peça, neste caso presentes exclusivamente em talhas.

<sup>5</sup> Desenhos de Carlos Rico (CMM).



Figura 14 – Mouraria de Moura. Cerâmica estampilhada.

A utilização da estampilha com o motivo flor de lis foi igualmente observada num bocal de poço incompleto e bastante fragmentado descoberto em Loulé (MNA, nº de inventário: 17088) aquando da realização de trabalhos de desaterro nas antigas muralhas.

Embora se verifique a repetição dos motivos decorativos entre fragmentos, é visível que mesmo dentro da mesma peça existe mais do que uma estampilha a decorar. Esta diferenciação é observável em alguns dos fragmentos analisados onde existem notórias variações, quer na estampilha com a representação da flor de lis, quer na estampilha com a estrela de cinco pontas, em que uma delas aparenta ter um defeito num dos traços. Noutros fragmentos, a diferenciação nos desenhos das estampilhas poderá ter a ver com o posicionamento da estampilha na peça.

Nas cerâmicas provenientes do poço-cisterna de Silves encontra-se um conjunto diversificado de matrizes de estampilhas. Nessas, encontramos paralelos com algumas das estampilhas presentes nas cerâmicas da Mouraria de Moura, fundamentalmente entre a matriz 13 de Silves e a matriz 9 de Moura, e ainda entre as matrizes 14 e 15 de Silves (Gomes & Gomes, 1985, p. 139) e as matrizes 8 e 12 da Mouraria (Gaspar, 2022, p. 46). Na cerâmica estampilhada proveniente da alcáçova do Castelo de Mértola (Khawli, 1993, p. 68) é notória a semelhança com algumas das estampilhas encontradas em Moura.

Nos enchimentos destas estruturas negativas foram, também, recolhidos fragmentos de cerâmica esmaltada e vidrada cuja origem é atribuível às produções meridionais hispânicas (Oliveira *et alii*, 2017, p.1525) o que denota a existência de contactos comerciais com as principais oficinas de cerâmica peninsulares (Gomes & Gomes, 1991, p. 467).

Correspondem a fragmentos de pequena dimensão, ao invés do observado no grupo anterior, mas que nos permitem aferir que correspondem na sua totalidade a louça de mesa e a peças abertas – taças, tigelas e pratos (Figura 15, amostra do lote recolhido).

A grande maioria dos fragmentos apresentam esmalte a branco estanífero onde se conjugam diferentes motivos decorativos que utilizam, para isso, diferentes cores. Destes, apenas um exemplar possui a sua superfície (interna e externa) monocromática – utilizando a cor verde; um outro grupo de fragmentos apresenta, unicamente, a superfície interna decorada a «verde e negro», estando o exterior das peças isento de revestimento (nestes casos, o predomínio são pastas amareladas).

Os motivos decorativos foram pintados a azul de cobalto; a azul de cobalto e reflexos dourados (utiliza-

dos na mesma composição decorativa ou utilizados na mesma peça, mas em separado); a verde; a «verde e negro» ou somente utilizando os reflexos dourados.

Os temas predominantes são os vegetalistas e os geométricos (eventualmente, um dos fragmentos poderá apresentar um tema epigráfico ou pseudo-epigráfico).

## 6. CONCLUSÃO

Das intervenções arqueológicas realizadas nestes dois antigos arrabaldes de Moura, destaca-se o aparecimento de cinco silos escavados no afloramento rochoso, calcário.

Em quatro deles foi possível confirmar a sua geminação, nos silos intervencionados na Mouraria e em dois dos silos encontrados no “*arrabalde novo*”. O terceiro silo descoberto possuía igualmente um orifício, mas não foi aferido se corresponderia a uma efetiva ligação a uma outra estrutura negativa.

A cronologia proposta para a abertura dos silos no bairro da Mouraria é o século XIII e num momento não muito posterior, provavelmente no século XIV, terá ocorrido uma alteração funcional destas estruturas negativas: a transformação de um dos silos em poço.

Esta realidade foi observada com o aparecimento de um conjunto estrutural hidráulico, composto por, da base para o topo: uma estrutura negativa de perfil cilíndrico, alteada por uma estrutura construída em alvenaria de pedra e tijolo e encimada por um bocal em cerâmica com decoração estampilhada. A dimensão máxima ultrapassaria os 4 m de altura (cota do fundo 168,45 / cota do topo, bocal cerâmico 172,66).

A engenharia utilizada encontra-se documentada em comunidades neolíticas no extremo este do Mar Mediterrâneo, concretamente em Chipre. Aí foi encontrado o que se considera ser o primeiro poço escavado no substrato rochoso (Gerlach, 2013, p. 39) e tem, à semelhança da estrutura aqui descrita, um conjunto de degraus nas suas paredes.

Esta estrutura hidráulica deverá ter estado em utilização entre cem a duzentos anos, dado que os seus enchimentos, que corroboram a sua desativação, não poderão ser posteriores ao século XVI.

Muito recentemente, numa das artérias do centro histórico de Moura foi detetado um outro poço escavado no substrato geológico e que possuía, à semelhança do poço escavado no bairro da Mouraria, cavidades irregulares que se considera terem funcionado como degraus (os dados obtidos nesta intervenção arqueológica ainda se encontram em estudo).

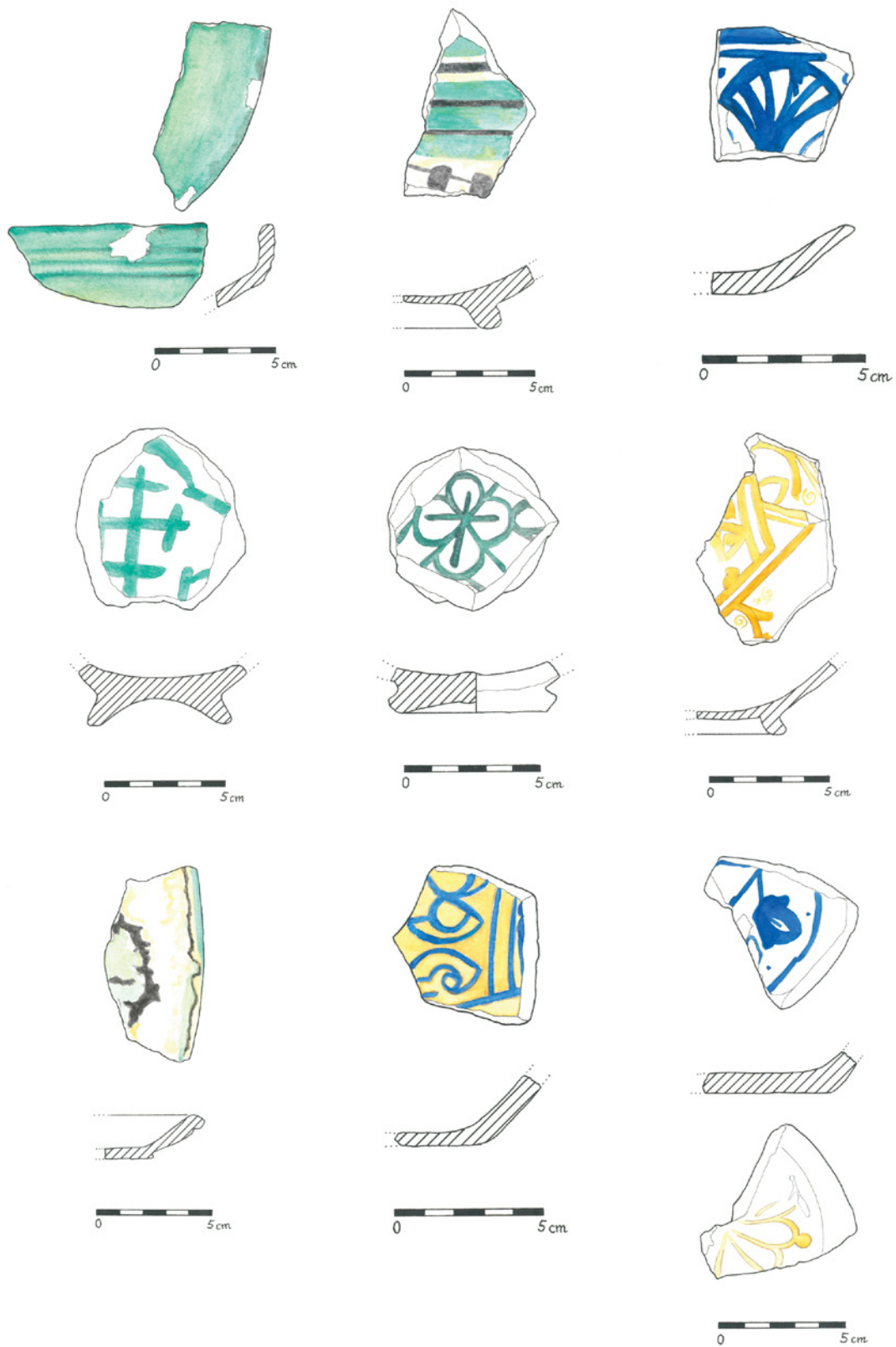


Figura 15 – Mouraria de Moura. Cerâmica vidrada e esmaltada.

Em Évora, foi intervencionado um conjunto de silos, no âmbito do acompanhamento arqueológico da remodelação do Salão Central Eborense (CNS: 17156), em que um deles também terá sido transformado em poço.

O espólio arqueológico recolhido na intervenção da Primeira Rua da Mouraria, cuja cronologia situa-se entre a segunda metade do século XIV e o século XV, mostra-nos que mesmo com Moura definitivamente conquistada assiste-se, ao nível da cultura material, a uma permanência estética decorativa de tradição islâmica.

Visível ao nível da continuidade dos contactos comerciais que permitiram a importação de cerâmica do levante e sul peninsular (os fragmentos de louça de mesa aqui apresentados inscrevem-se dentro deste lote de cerâmica de importação); da manutenção da utilização da língua árabe nas sepulturas, prática atestada pela lápide datada de 7 de abril de 1368 (Borges & Macias, 1993: 69); ou através da continuação do uso da técnica decorativa de estampilhagem, aparentemente num contexto de produção local ou regional (eventualmente de oficinas andaluzas), em que os paralelos decorativos aliados à prevalência geográfica de algumas das matrizes o parecem comprovar.

Por outro lado, a atribuição de cronologias aos vestígios encontrados na escavação nas imediações do Pátio dos Rolins consistiu num exercício relativamente complexo, em grande medida pelo facto de não terem sido encontrados entulhos associados ao silo 1 e ao silo 2, que nos poderiam dar preciosas informações acerca do seu abandono. Bem como pelo facto de o sedimento detetado no silo 3 não poder ser, com o rigor pretendido e necessário, correlacionado com essa fase de abandono, dado que a sua boca se encontrava parcialmente destruída.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, Artur Goulart de Melo; MACIAS, Santiago (1993) – Almocavar de Moura. Localização e epigrafia. *Arqueologia Medieval*. 1. Porto: Edições Afrontamento. pp. 65-69.
- CARVALHOSA, A. Barros e; CARVALHO, A. M. Galopim de (1970) – Carta Geológica de Portugal na escala 1:50000 – notícia explicativa da folha 43-B: Moura. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- COSTA, Augusto (2008) – Modelação matemática dos recursos hídricos subterrâneos da região de Moura. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Engenharia apresentada à Universidade Técnica de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.9/1280>.
- GASPAR, Vanessa (2022) – A Arqueologia na Reabilitação Urbana, os silos encontrados no Centro Histórico de Moura. *Al-Madnan Online*. 25: 1. pp. 38-48. Disponível em [https://issuu.com/almadan/docs/ao25\\_1](https://issuu.com/almadan/docs/ao25_1).
- GASPAR, Vanessa (2023) – A Arqueologia na Reabilitação Urbana, o caso do Pátio dos Rolins. *Al-Madnan Online*. 26: 1. pp. 45-54. Disponível em <https://issuu.com/almadan/docs/ao26-1>.
- GERLACH, Iris (2013) – Archaeology of water. *Archaeology worldwide*. 1. Berlin: German Archaeological Institute. pp. 37-39.
- GOMES, Alberto (1996) – Moedas Portuguesas e do território português antes da fundação da nacionalidade. Lisboa: Edição do Autor.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (1985) – Cerâmicas estampilhadas Islâmicas e Mudéjares do Poço-cisterna de Silves. *I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*. Trabalhos de Arqueologia. 3, Lisboa: IPPC. pp. 127-141.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (1991) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV, XV e XVI do Poço-cisterna de Silves. *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Campo Arqueológico de Mértola. pp. 457-490. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/2185>.
- KHAWLI, Abdallah (1993) – Arcos estampilhados da cerâmica islâmica de Mértola. *Arqueologia Medieval*. 3. Porto: Edições Afrontamento. pp. 133-145.
- KHAWLI, Abdallah (1993) – Introdução ao estudo das vasilhas de armazenamento de Mértola islâmica. *Arqueologia Medieval*. 2. Porto: Edições Afrontamento. pp. 63-78.
- LIMA, José Fragoso de (2003) – Elementos Históricos do concelho de Moura. Moura: Câmara Municipal de Moura.
- MACIAS, Santiago (1993) – Moura na Baixa Idade Média: elementos para um estudo histórico e arqueológico. *Arqueologia Medieval*. 2. Porto: Edições Afrontamento. pp. 127-157.
- MACIAS, Santiago; GASPAR, Vanessa (2005) – Fortificações Modernas de Moura. Moura: Câmara Municipal de Moura.
- MACIAS, Santiago; GASPAR, Vanessa; VALENTE, José Gonçalo (2016) – Castelo de Moura: escavações arqueológicas 1989-2013 Textos. Moura: Câmara Municipal de Moura.
- MARTINS, Andrea; NEVES, César; COSTA, Cláudia; LOPES, Gonçalo (2010) – Sobre um conjunto de silos em Beja: a Avenida Miguel Fernandes. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 13. pp. 145-165. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/31514>.
- MATTA, José Avelino da Silva e (1991) – Anais de Moura. Moura: Câmara Municipal de Moura.
- OLIVEIRA, Filipe; SILVA, Rodrigo Banha da; BARGÃO, André; FERREIRA, Sara (2017) – O comércio medieval das cerâmicas importadas em Lisboa: o caso da Rua das Pedras Negras nº 21-28.

Arqueologia em Portugal / 2017 – Estado da Questão. Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 1523-1538. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/117052>.

PÁSCOA, Marta (2003) – Memórias Paroquiais da Vila de Moura e o seu Termo. Recolha e transcrição. Moura: Câmara Municipal de Moura.


REINA, Manuel Vera; TORRES, Pina López (2005) – La cerámica medieval sevillana (siglos XII al XIV). La producción trianera. England: BAR International Series 1403.

ROSA, Sérgio (2019) – Os silos Medievais de Almada. Morfologia e dinâmicas de utilização. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/75609>.

SEGURADO, Jorge (1929) – A Igreja de S. João de Moura. Da sua Arquitectura e da sua História. Lisboa: Parceria

TRINDADE, Luísa (2009) – Urbanismo na composição de Portugal. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade de História de Arte apresentada à Universidade de Coimbra. Disponível em <https://hdl.handle.net/10316/13529>.

VALENTE, David (2000) – Acerca dos Forais de Moura. Moura: Câmara Municipal de Moura.



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2025

[www.arqueologos.pt](http://www.arqueologos.pt)